



From Access To Inclusion. An Arts and Culture Summit, Dublin

9, 16 e 23 de março de 2021 – *online*

Virgínia Gomes¹

A cimeira **From Access To Inclusion** foi organizada *online*, nas tardes de 9, 16 e 23 de março, pela associação Arts & Disability Ireland (<https://adiarts.ie/>), a partir de Dublin, com a colaboração do Kennedy Center Office of VSA and Accessibility (<https://www.kennedy-center.org/visit/accessibility/vsa/>), de Washington, USA.

Em tempos de pandemia do SARS-COV2, que deu origem à doença Covid-19, tem sido comum o recurso das instituições à *Internet* para superar a impossibilidade da presença física dos oradores e do público, adiada pelo fecho de fronteiras e, ainda, pelas regras de distanciamento social que se impõem.

Para quem se interessa pela comunicação acessível e para todos, esta cimeira teve na sua logística algumas características a destacar:

A primeira surpresa agradável, ao nível da acessibilidade, foi verificar que, nos cantos do ecrã da emissão da conferência, para além do respetivo logotipo, estavam visíveis as três intérpretes de língua gestual, irlandesa (ISL), inglesa (BSL) e americana (ASL). No retângulo central aparecia o orador e logo abaixo num espaço próprio, a legendagem em inglês, praticamente simultânea ao discurso. Ambas as soluções denunciaram uma clara estratégia de inclusão de todos os intervenientes nas atividades propostas. E eram muitos! A assistir estavam mais de três centenas de participantes em cada sessão, das diversas áreas das artes, da cultura e do turismo; a apresentar / reflectir sobre os temas foram convidados cerca de trinta oradores, de diferentes países (China, França, Portugal – representado pela Diretora executiva da Acesso Cultura, Maria Vlachou – Irlanda, Inglaterra, USA), divididos por cinco painéis com os seguintes tópicos:

¹ Conservadora das coleções de Pintura, Desenho e Gravura do Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, é coordenadora técnica dos projetos de inclusão *EU no musEU* – para a acessibilidade integrada de pessoas com demência e seus cuidadores –, *NÓS no musEU* – para a acessibilidade intelectual e social de públicos em situação de vulnerabilidade social – e *Imagens que Guiam* –, para a acessibilidade integrada de pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID). Membro da Acesso Cultura desde 2017, beneficiou de uma bolsa desta associação de profissionais da cultura para assistir à cimeira *From Access To Inclusion. An Arts and Culture Summit*, a partir de Dublin, Irlanda. virginiaamorais.gomes@gmail.com

Tópico 1: Organizational Buy-in and Training; Tópico 2: On Demand vs On Request Access; Tópico 3: Marketing and Audience Development; Tópico 4: Aesthetically Accessible Arts and Cultural Experience; Tópico 5: People with Disabilities Leading Change.

Este formato *online* de três tardes em três semanas diferentes permitia aos participantes usufruir dos temas debatidos numa perspetiva de maior conforto, sem sobrecarga de oradores, com menos tempo à frente do ecrã do computador de sua casa e com metade do dia livre. Por outro lado, a distribuição dos dias da conferência permitia a leitura de documentação disponibilizada, até à sessão seguinte.

A estrutura das sessões previu que durante os intervalos estavam disponíveis duas salas ['networking room'] em simultâneo, com especialistas anunciados, disponíveis para troca de informações, experiências e conhecimento, promovendo rede de contactos entre pares: outra alternativa, durante os intervalos e em simultâneo, foi a disponibilização de um espaço de diálogo *online* ['chat'].

Nas sessões, previamente a cada um dos painéis ou 'networking rooms' era explicado em imagem, texto e áudio descrição o que iria acontecer. Cada um dos oradores era áudio descrito, antes de começar a apresentar a sua partilha.

Mas, perante a acessibilidade vigente a comunicação e entendimento de alguns dos oradores (fluentes nas suas línguas e com sotaque carregado) teria melhorado bastante com a tradução simultânea, pelo menos nas línguas dos oradores convidados.

A segunda revelação digna de nota foi a de assistir à apresentação de temas por pessoas que concebem e desenvolvem projetos de inclusão e de turismo cultural, com a comunidade e com grupos com necessidades especiais (exclusão social, vulnerabilidade social, dificuldades sensoriais, motoras, intelectuais e sociais) fazendo parte desses grupos enquanto pares.

De uma forma geral, foi possível contactar com conceitos, estratégias e resultados de iniciativas de boas práticas promovidas por grupos/associações, câmaras e regiões, com impacto ao nível local, regional, nacional e internacional, envolvendo comunidades com as denominadas necessidades especiais (NEs), exclusivamente, ou integradas em públicos mais vastos. O denominador comum destes eventos, programas de longa-duração ou de maior abrangência territorial, foi ter como impulsionadores e organizadores pessoas com essas necessidades especiais, numa

perspetiva de cidadania responsável e de equidade. Se por um lado entendem o que precisam e de que meios necessitam, por outro (e a experiência confirma esta reflexão), os mecanismos de adaptação a diferentes situações constituem um meio de tornar a comunicação e interação mais efectiva e eficaz para os diferentes públicos. E para a comunidade em geral.

Das experiências e boas práticas abordadas, e das questões assinaladas, destacam-se, por cada tópico, as seguintes:

A oradora principal da primeira tarde, Cymie Yeung (cymie.yeung@wkcda.hk) descreveu a realidade do West Kowloon Cultural District, em Hong Kong (<https://www.westkowloon.hk/en>), numa visão integrada dos espaços culturais na sociedade, na necessidade de formação e informação de base de toda a equipa para a acessibilidade e, na premência de os protagonistas das ações serem as **pessoas**, de entre os diferentes públicos.

Destacou ainda a consulta aos públicos sobre as estratégias e ferramentas de comunicação no espaço cultural. De entre os recursos atualmente disponíveis salientou as plataformas digitais, como uma forma poderosa de *empowerment*.

Tópico 1: Organizational Buy-in and Training

Os intervenientes neste painel²partilharam as suas experiências e reflexões sobre acessibilidade e inclusão. Do que disseram retive:

- A exclusão severa de pessoas com deficiência é uma realidade;
- Inclusão não é para pessoas ‘especiais’;
- A acessibilidade (física, intelectual e social) é um assunto de toda a equipa, e a direção do espaço cultural deve estabelecer a dinâmica e complementaridade entre os vários departamentos. As ações devem ser implementadas por toda a equipa;
- É fundamental a formação diversificada dos profissionais da cultura, das diferentes áreas, e a promoção de reuniões de trabalho entre instituições;
- Cada espaço cultural deve delinear as suas *guidelines* de acessibilidade, e perceber onde faz sentido a inclusão na história da sua instituição. Não implementar medidas

² Maria Vlachou, diretora executiva da Acesso Cultura, Portugal (<https://acessocultura.org/>); Lynn Walsh, consultora de organizações culturais, USA; David Bellwood, gestor de acessibilidade do Shakespeare’s Globe Theatre, Londres (www.shakespearesglobe.com); Cathelijne Denekamp, gestora de acessibilidade e inclusão do Rijksmuseum, Amsterdão (www.rijksmuseum.nl).

por moda, efêmeras e ocas, sem sentido para a comunidade onde se insere; esses *guidelines* (planos multiformato de acessibilidades) devem permanecer em evolução, não estáticos e limitados à conjuntura em que foram criados, de modo a adaptarem-se a novas realidades da comunidade;

- Acesso e inclusão são imperativos em toda a formação (formação contínua) necessária para todo o pessoal do espaço cultural. Todos devem estar envolvidos no empenho de tornar acessível.
- A meta de atingir altas performances em número de visitantes nega ao *staff* a oportunidade de trabalhar mais devagar e pessoa a pessoa.
- Inclusão não é só acessibilidade mas também representatividade;
- Tornar a acessibilidade a prioridade de todas as organizações.

Tópico 2: On Demand vs On Request Access

Sobre a dicotomia da implementação dos programas ou serviços disponibilizando-os automaticamente (*on demand*), ou por requisição do público (*on request*), o painel da tarde de 16 de março³ apresentou algumas experiências e propôs reflexões das quais destaco:

Betty Siegel defende que há serviços a que as pessoas devem ter acesso, mesmo sem terem reservado antes, como por exemplo o acesso a bilhetes, tendo a equipa competências para o fazer em diferentes línguas, assim como o esclarecimento de diferentes públicos, a disponibilização de folhetos de explicação dos serviços de que dispõem (em diferentes línguas e formatos). O público tem o direito de escolher o evento, por isso as diferentes ferramentas de comunicação (língua gestual – interpretação – áudio descrição, e legendas / texto aumentado) devem ser disponibilizadas pelo espaço cultural.

Esses serviços e a formação da equipa, no sentido de conhecer os procedimentos e de saber reagir às necessidades do público, são fundamentais para fidelizar públicos e estabelecer redes entre a comunidade.

³ Betty Siegel, diretora de VSA (Very Special Art) e acessibilidade do John F. Kennedy Center of Performing Arts, Washington (www.kennedy-center.org/education/vsa); Tina Childress, fundadora do *See. Hear. Communication. Matters*; ([https://tinachildressaud.com](http://tinachildressaud.com)); Evgeniya Kiseleva, líder do departamento de projetos interdisciplinares do Pushkin State Museum of Fine Arts, de Moscovo ([https://pushkinmuseum.art/?lang=en](http://pushkinmuseum.art/?lang=en)); Jody O'Neill, atriz e escritora, com obras sobre o autismo ([https://www.aboutautism.ie/](http://www.aboutautism.ie/)), uma coprodução com o Abbey Theatre, e <https://www.draiocht.ie/>, Irlanda.

Tina Childress reforçou a necessidade de planear para promover a inclusão.

No que à áudio descrição diz respeito, enfatizou o papel do mediador humano, apesar dos avanços tecnológicos entretanto disponíveis.

E frisou que *“as pessoas não usam o que não conhecem. O esforço de ir ter com elas é dos museus, dos cinemas ou teatros”*.

Por seu turno Evgeniya Kiseleva transmitiu que no caso do Pushkin State Museum of Fine Arts a interpretação de língua gestual é realizada presencialmente por intérprete junto da pessoa surda: tal serviço e a áudio descrição são gratuitos.

Refere ainda que a diversidade de públicos é tida em conta nas redes sociais do museu, nomeadamente nas contas de *Facebook* e de *Instagram*.

Jody O’Neil alertou-nos para algumas características a ter em conta quando se organizam eventos com pessoas autistas e deu exemplos de performances com autistas no Abbey Theatre⁴. Todas as performances são legendadas e transcritas. Os próprios atores avisam o público de quantas cenas vai ter o espetáculo e quanto tempo demora.

Jody O’Neil garante que o formato que serve para um autista também serve para todos. Quanto mais completa, direta e clara for a informação, mesmo que específica para um autista, mais público abrange.

E aconselha: *“Não depreenda sozinho o que é importante para um autista! Consulte-os, envolva-os, não espere que peçam, vá ter com eles!”*

O ideal será atingir o equilíbrio entre o que se disponibiliza e o que se vai criando segundo as necessidades dos diferentes públicos, depois de os ouvir.

Tópico 3: Marketing and Audience Development

Neste tópico foram apresentadas experiências com algumas técnicas de comunicação e marketing usadas para incluir e fidelizar públicos, já existentes e novos, com diferentes necessidades. Entender melhor os formatos e estilos mais eficazes de

⁴ O Abbey Theatre dispõe de um guia visual para públicos autistas que permite o conhecimento prévio do espetáculo. No entanto, o guia contém informações úteis para outros públicos, com dificuldades sociais e até doença mental: <https://www.abbeytheatre.ie/wp-content/uploads/2020/01/Abbey-Theatre-Visual-Guide.pdf>

incluir as pessoas com deficiência, os seus cuidadores formais e informais era um dos objetivos deste tópico.

Dos convidados deste painel⁵, com práticas com diferentes públicos ao nível etário, social, cognitivo e sensorial, destaco as seguintes ideias:

- As parcerias e as redes de trabalho multidisciplinares são fundamentais para desenvolver projetos culturais;
- As ligações locais e implementação no terreno removem barreiras e promovem uma mais-valia dos projetos: as redes de voluntariado, que atuam como ponte, presencial, por *chat*, ou *e-mail*, por exemplo, junto de idosos com demência, em tempos de pandemia, conversando e ouvindo, permitindo a socialização e o incremento da autoestima;
- Não há problema em começar com pequena dimensão, pois permite construir o projeto de acessibilidade com maior solidez;
- Nunca subestimem o poder do entusiasmo de quem está a partilhar a sua experiência – isso cria conexões fundamentais entre os mediadores e os participantes;
- Envolver as famílias aumenta o sucesso dos projetos (a importância das redes de pertença);
- É importante implementar *websites* e contas das redes sociais acessíveis;
- Numa instituição a acessibilidade deve ser pensada em todas as áreas, físicas e digitais, de estudo, de lazer e de restauração e vendas.
- É fundamental adequar a linguagem a cada público; por exemplo: usar a voz das crianças para comunicar com crianças.

Tópico 4: Aesthetically Accessible Arts and Cultural Experience

Os convidados⁶ a falar sobre este tópico trabalham na área de museus, teatros e festivais, cuidando de públicos com diferentes necessidades. Desde a áudio descrição

⁵ Tara Byrne é gestora do programa de artes do Age & Opportunity (<https://ageandopportunity.ie/>) e diretora do Bealtaine Festival (<https://bealtaine.ie/>), Irlanda; Megan Merret, gestora dos projetos Hynt (<https://www.hynt.co.uk/en/>) e Creu Cymru (<https://creucymru.com/>), País de Gales; Fiona Bell, gestora de clientes do Thrive (<https://wewillthrive.co.uk/>) e John Orr, diretor executivo do Art Reach (<https://www.art-reach.org/>), Filadelfia, USA.

⁶ Maria Oshodi, diretora artística e CEO na Extant (<https://extant.org.uk/>), é líder de companhias de teatro profissionais com pessoas cegas e com baixa visão, UK; Mindy Drapsa, diretora artística da

à interpretação em língua gestual, à experiência táctil e ao desenho universal, cada um explorou o impacto de ir mais longe nos serviços de acessibilidade para incorporar uma gama diferenciada de técnicas e ferramentas, desde o início do processo artístico, com a intenção de permitir uma experiência mais profunda e rica.

‘Este painel explora as vias significativas e eficazes de introduzir a acessibilidade em produções, festivais e exposições de profissionais de todo o mundo’, anuncia a Arts & Disability no programa, sobre os convidados para desenvolver este tópico.

Dos testemunhos e reflexões apresentados, sobressaíram:

- Os espetáculos de teatro realizados pela equipa de Maria Oshodi por e para pessoas cegas ou com baixa visão e outras, têm evoluído para produções multimédia, com descrição do cenário, dos movimentos, com som envolvente e imagens, criando experiências imersivas e significativas. Segundo apuraram, o impacto é 90% positivo.

Contam ainda com áudio descrição e BSL (British Sign Language). Outra vertente são as atividades performativas multissensoriais nos museus.

- Mindy Drapsa relembrou que a comunidade surda constitui uma minoria linguística, o que explica a escassez de oferta cultural. Por outro lado, a exploração da língua de forma a criar um espetáculo em língua de sinais demora mais e fica mais caro. No caso da companhia que coordena, conseguem produzir dois eventos por ano. Uma das últimas produções foi a performance ‘Home’, sobre os refugiados. A atualidade dos temas é também uma preocupação constante para a companhia. Têm contado com um ator falante por cada dois com surdez, numa iniciativa de inclusão de todos.

Mindy diz que com as suas iniciativas têm influenciado políticos e dão outro sentido à arte para todos.

- Do Manchester International Festival (MIF), Kate Fox refere que o mais importante é a continuidade dos trabalhos e projetos para os artistas, para além do festival, devido às sinergias que se criam durante o evento.

- Sara Schleuning salienta que a diversidade de experiências que tem coordenado, desde exposições multissensoriais (*spikless*), com *design* universal, ao desenvolvimento de novas peças, em parceria entre artistas, neurocientistas e outras especialidades, permite pensar e vivenciar a acessibilidade de forma global.

Riksteatern Crea (<http://crea-eng.riksteatern.se/internationalsign>), Interpretação para língua gestual sueca, Suécia; Kate Fox, produtora, gestora de acessibilidade do Manchester International Festival (MIF) (www.mif.co.uk), Manchester, UK; Sara Schleuning, diretora interina do Dallas Museum of Art (www.dma.org), USA.

Tópico 5: People with Disabilities Leading Change.

Na última tarde (23 de março de 2021) foi possível conhecer as experiências de Emmanuel von Schack⁷, orador principal, sobre o Memorial do 11 de setembro, em Nova Iorque. A carga simbólica e humana do espaço, é tratada com *design* inclusivo, pensando nos mais diversos públicos, e em abordagens diversificadas. O que foi mostrado nos filmes é claro, didático e inclusivo.

No painel final, quatro oradores⁸ com diferentes dificuldades (físicas, sensoriais e intelectuais) contaram as suas histórias de vida e a adaptação progressiva ao mundo laboral na área das artes e da cultura. São líderes de associações e de instituições que testemunham percursos de sucesso e como lideram conscientemente mudanças de mentalidades perante a deficiência e a exclusão social. Um deles, Pádraig Naughton é o diretor executivo da organização desta cimeira.



Tópico 5 – People with Disabilities Leading Change.

⁷ Diretor de Acessibilidades do the National September 11 Memorial & Museum (<https://www.911memorial.org/>).

⁸ Ray Bloomer, especialista em acessibilidade do U.S. National Park Service, USA.; Morwenna Collet, consultora de acessibilidade e inclusão, Austrália; Alicia McGivern, Diretora de Educação, do Irish Film Institute, Irlanda; Pádraig Naughton, diretor executivo do Arts & Disability, Irlanda.

Reflexão final:

De há muito tempo envolvida nestas questões da acessibilidade (de e para todos) e convicta de que qualquer pessoa deve fazer ouvir a sua voz (no sentido de ter a consciência de si, enquanto pessoa com direitos e cidadão ativo), fiquei inicialmente surpreendida ao ler o título da cimeira: do **acesso à inclusão!**

Entendia eu que falar de inclusão é reconhecer a exclusão praticada diariamente com grupos, ou pessoas individuais, que vivem de modo diferente, se expressem de modo diferente e que têm necessidades diferentes dos ditos normativos. Por isso, confesso que fiquei um pouco apreensiva quando li esse título!

Agora, depois do simpósio, concluo que as palavras servem para encontrarmos padrões de entendimento na realização de percursos que se querem comuns.

Eu considerava a acessibilidade como o patamar mais avançado daquilo que culturalmente e em termos de ação cidadã seria a não distinção na comunicação entre as pessoas, num espaço-tempo cultural determinado.

A meu ver, a palavra inclusão chancelava que a exclusão existe. E por isso era necessário evoluir para a acessibilidade integrada: física, intelectual, social e emocional.

No entanto, ao elencar estas valências, apercebi-me que, a maior parte das instituições culturais ainda se encontra no processo de implementação da acessibilidade física...

Por outro lado, este simpósio demonstrou claramente que a ação cidadã, responsável, de diferentes pessoas, com diferentes condições é possível: com formação de toda a equipa, planeamento, flexibilidade e envolvimento das instituições e da comunidade, pode tornar-se uma realidade e que, aí, a inclusão é mesmo o termo mais adequado.

Esta convenção demonstrou que o caminho para a 'Nothing about everyone without everyone! (apropriação da autora deste relatório a partir da frase dos anos de 1990 'Nothing about us without us!') já vai sendo percorrido.